

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE003829

NUNES, João Retrato do esquecido: José Valentin Postal pinta a memória de
Campinas Correio Popular, Campinas, 24 abr. 1994.

Há duas maneiras para se conhecer parte da Campinas antiga e região. Uma delas é pela fotografia. A outra é pela pintura do artista plástico José Valentin Postal.

“Não sou historiador mas sempre procurei documentar a paisagem e construções da cidade que estavam prestes a desaparecer. Hoje muita gente pode ver como eram aqueles prédios”, afirma.

Foi assim desde quando começou a pintar em 1942. Quando sabia que iam derrubar uma casa antiga ou presentia modificação em um terreno, estrada ou fazenda, pegava seu material de pintura e corria para o local. Por isso é possível encontrar hoje, em sua coleção particular, o antigo Teatro Carlos Gomes, ou o cine São Carlos, na rua Cesar Bierrenbach, ou a rua Conceição de décadas atrás - uma das mais tradicionais da cidade - ou a antiga Fazenda Taquaral, hoje Lago do Café.

Quando não está preocupado em documentar, Postal simplesmente retrata de forma recorrente a região onde

nasceu e vive. Estão em suas telas, a Mata de Santa Genebra, fazendas de Joaquim Egídio e de Sousas, lugares bucólicos da periferia ou simplesmente paisagens bonitas da região. São caminhos, estradas, casarios, interior de matas.

Postal só foge desses motivos quando viaja para Caraguatatuba. No litoral esquece um pouco o verde da região campineira que predomina suas telas e muda o tom para o azul. Então, seus quadros viram mar. “Gosto da minha cidade, mas gosto também do mar”, diz com naturalidade.

inspiração. “Se alguém for esperar que a inspiração apareça, nunca vai fazer nada”, ensina. “Existe o motivo e a vontade de trabalhar”, diz taxativo. Possivelmente por buscar motivações de dentro para fora, revela-se um artista fértil.

Não tem idéia de quantos quadros pintou. Mesmo se alguém insistir para que faça algum cálculo, é incisivo: “Não sei”. São 52 anos de atividade. O mais recente quadro está pintando há dois meses, mas há trabalhos feitos em menor tempo. São números que dão idéia de sua produção.

Para um artista sem marchand e sem uma estrutura comercial, Postal acredita que vende bem. “As pessoas conhecem o trabalho e marchands de São Paulo vêm muito aqui a procura de quadros meus”, diz. Em setembro vai expor no Banco Central, em Brasília, uma mostra nitidamente comercial, segundo ele. Gente do próprio banco virá a Campinas para fazer a seleção das obras e o objetivo é vendê-las. Há cinco anos não expõe em Campinas, mas prepara um mostra em Indaiatuba, em data ainda não definida.

A outra variante do seu trabalho são os quadros de natureza morta.

O estilo é a espátula. A escola, naturalista. Não quer ser chamado de acadêmico. Prefere se autodenominar de pintor naturalista com referências do figurativo e do im-

pressionismo. O método de trabalho é simples. Dispensa sistematicamente o atelier (“meu atelier é ao ar livre”), junta o equipamento necessário e dirige-se para o lugar onde pretende retratar e “pintar aquilo que se vê”.

Postal abomina a palavra



Uma fazenda em Joaquim Egídio, retratada por Postal: 'Não sou historiado, mas sempre procurei documentar a paisagem'